

D. Risoleta deu à família sua grande coragem

Arquivo — 7/4/85

“Ela foi ao mesmo tempo mãe e pai, enquanto a estrela da família seguia sua carreira” — disse um dia, de sua mãe, Tancredo Augusto, filho de Tancredo de Almeida Neves. Os “dias terríveis” a que Dona Risoleta se referiu, na sua mensagem de domingo da Páscoa transmitida de improviso da capela do Hospital das Clínicas de São Paulo, revelaram que ela tem sido bem mais do que isso. E que a carreira da estrela da família, para chegar onde chegou, jamais poderia ter prescindido de sua presença, da efetiva participação — ao longo de 46 anos de casamento bem-sucedido — dessa mulher de coragem, extremamente preparada para as exigências do destino de sua vida.

Um importante assessor de Tancredo Neves disse aos repórteres, no Instituto do Coração: “Durante a crise toda, eu nunca a vi chorando em público”. E foi sem chorar que ela, diante de milhões de brasileiros que a viam pela televisão, resumiu, já no domingo de Páscoa, a trajetória do marido: “Na sua dignidade de sempre, na sua coragem permanente, em todos os passos de sua vida, ele soube honrar todos os seus compromissos com todos os que se cercavam dele, para serem dirigidos, para serem consolados, para serem ajudados, enfim. Aqueles que precisavam de consolo corriam à sua procura e ele realmente foi na sua vida inteira um samaritano, ajudando, curando, e um cirineu também, carregando com seus irmãos essas cruzes que vão nos ombros de cada um.”

Amor à terra

Naquele dia, antes de ir à capela, ela fizera distribuir entre soldados, seguranças, médicos, enfermeiros, faxineiros e todo o pessoal de serviço em torno de Tancredo e de sua família no Instituto do Coração os ovos de Páscoa que mandara comprar. Na véspera, ao saber que um velho empregado da Fazenda da Mata, de propriedade de sua família, no Município mineiro de Cláudio, estava internado no Instituto, pediu às filhas que visitassem “o Dos Anjos”, nome do paciente.

A gentileza e a solidariedade — aí praticadas durante um longo momento de extrema apreensão e indistigável dor — somam-se à energia, para completar um perfil da personalidade de Dona Risoleta Neves, única mulher entre seis irmãos, educada em colégio de freiras. No tempo de normalista do Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João Del Rei, ela conheceu o Promotor Tancredo Neves, com quem se casou no dia 25 de maio de 1938, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Cláudio.

No interior desse Município do Oeste mineiro, na Fazenda da Mata, ela nasceu no dia 20 de julho de 1917, segunda dos filhos do casal Quinto Alves Tolentino e Maria Guimarães Tolentino (Dona Quita), abastados pecuaristas e agriculto-

res. “Risoleta deveria ter crescido menina mimada, cheia de manias e preguiçosa, mas, ao contrário, é uma pessoa trabalhadora, incansável, uma dona-de-casa excepcional” — testemunha Ermelinda Cunha de Souza, sua irmã de criação.

Por sua vontade, provavelmente até hoje estaria exercitando essas qualidades no interior: “Sou do meio rural, com muito orgulho. Amo a terra e tudo o que vem da terra.” Mas o marido se elegeu deputado estadual e, em seguida, ascendeu, para sempre, ao primeiro plano político nacional. Dona Risoleta teve de desdobrar-se, conforme depõem suas primas Terezinha Neves Butelli e Thais de Barros Pimentel Innocenti: “Cuida pessoalmente da roupa que Tancredo deve usar em cada ocasião, do preparo da comida caseira e também das contas. Isso não seria tão complicado, se o casal não tivesse cinco casas para cuidar: uma em Cláudio, outra em São João del Rei e mais os apartamentos no Rio, em Belo Horizonte e em Brasília. Na vida itinerante do casal, todos esses endereços têm sido utilizados, e em todos Dona Risoleta deixa a marca de sua supervisão atenta, à qual nenhum detalhe escapa.”

Fé e solidariedade

Essa energia, que lhe permitiu ser “ao mesmo tempo mãe e pai” de Tancredo Augusto e das irmãs deste, Inês Maria e Maria do Carmo, sempre a estimulou a encontrar um tempo certo para a leitura (conhece tudo de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo) e a música, erudita e popular: aprecia Bach, Beethoven e Chopin, tanto quanto gosta de Ataulfo Alves, Milton Nascimento e Roberto Carlos. Embora não esconda uma ponta de prazer quando se recorda que, em meados da década de 30, desfilou em carro alegórico como rainha do carnaval de Cláudio, Dona Risoleta não é vaidosa. Suas roupas, jamais trazem etiquetas famosas. Ela se veste com *tailleurs* e *blazers*, freqüentemente um *fouillard* em volta do pescoço. Não usa jóias, a não ser um único e inseparável coração de ouro, pendente de um cordão. Um escasso indicio do que se poderia considerar vaidade está no rosto maquilado e sem rugas, graças a duas cirurgias plásticas.

Dona Risoleta não gosta de falar de si mesma: “Nada me constrange mais do que falar de mim mesma. Sou como sou, com minhas virtudes e defeitos. Quando me analiso, o que mais me alegra em minha personalidade é o profundo sentimento de fé e de solidariedade humana.” Todo o país hoje tem perfeita consciência da inteira exatidão desse juízo. Os mineiros já a tinham há bastante tempo, sobretudo depois que ela, mulher do Governador de Minas, aceitou presidir a seção estadual da Legião Brasileira de



Uma pessoa de fé que comoveu o país na Páscoa

Assistência e dirigir pessoalmente o Serviço Voluntário de Assistência Social.

Atuação política

A esse trabalho — no qual ela destacou a preocupação de “ensinar a pescar”, ao invés de se praticar o paternalismo — Dona Risoleta se entregou com ímpeto e constância. Suas primas Teresinha e Thais testemunham: “Seu esforço alcançou dimensão digna de nota, graças à sua capacidade de motivar companheiros e carrear

Para Dona Risoleta, o trabalho no Servas equivaleu a uma constatação diária das denúncias que recebia sobre fome, mortalidade infantil e desagregação social. “Trabalhamos desesperadamente para sustar a rota inexorável da criança carente rumo à marginalidade” — disse ela, concluindo que “a violência que hoje assola o país tem suas causas no desemprego, na fome e no desespero do povo”.

Essa participação no programa de Governo do marido sempre foi dissimulada, à moda mineira: “Nós, mulheres de políticos, temos o dever de viver à sombra deles”. Era uma maneira elegante de não ostentar projeção. Com Tancredo candidato à Presidência da República, ela afirmava que ficaria em Belo Horizonte, no trabalho do Servas: “Quem fala de política lá em casa é o Tancredo” — dizia, mas ao mesmo tempo em que ia a Brasília participar de reuniões com mulheres de políticos e inaugurar comitês femininos. Fazia-o ao seu jeito, definido numa entrevista em que falou do papel da mulher de um homem público: “Temos momentos de felicidade quando partilhamos de seus êxitos e sucessos, assim como quase sempre partilhamos do dia-a-dia de suas lutas, apreensões e decepções. Temos que ampará-lo em sua frustração, sem deixar transparecer que o estamos protegendo. Do mesmo modo, em meio às incertezas, temos de encorajá-lo sem darmos a impressão de influenciar nas suas decisões.”

Linha de frente

Em meio século de vida política de Tancredo Neves, muitas decisões terão sido influenciadas, sem que ele tivesse tido essa impressão, por Dona Risoleta. Como ele, ela também anunciou na recente campanha eleitoral “uma nação mais digna, humana e justa”, palavras extraídas do programa do marido, ou inspiradas a essa plataforma, ditas por Dona Risoleta no discurso em que agradeceu a homenagem que lhe foi prestada em Brasília, em novembro do ano passado, como mulher do candidato, por 160 mulheres de Governadores, senadores e deputados federais. Mulher do Presidente, ela pretendeu contribuir para essa nação “mais digna, humana e justa” com a continuidade de seu trabalho social: não abriria mão de presidir a Legião Brasileira de Assistência, sua maneira de estar, de forma mais visível, na linha de frente do esforço de recuperação nacional.

É possível que não lhe venha a caber esse posto de combate. É certo, porém, que a recuperação nacional se fará estimulada pelo exemplo de coragem, energia, solidariedade e fé oferecido por Dona Risoleta Neves, ao enfrentar os “dias terríveis” a que se referiu na sua mensagem de domingo de Páscoa aos 130 milhões de brasileiros, que ansiavam pela recuperação de seu marido.